



Capítulo IX – Alto Controle

Metido em calças de pele artificial de tubarão que refletiam as lâmpadas do teto, o garoto avançava destemido pelo corredor da escola. Sua altura o fazia ver todos de cima; seus músculos rígidos abriam passagem pela multidão feito navalha em manteiga. Alguns garotos prontamente abaixavam a cabeça e se afastavam quando o viam se aproximar. Quando isso acontecia, ele repuxava um canto dos lábios num sorriso sardônico.

Alguns metros à frente, ele cruzou com um grupo de belas garotas de cabelos verdes que conversavam escoradas numa parede do corredor. Descaradamente, o rapaz observou-as com olhos faiscantes de desejo.

Quando uma delas percebeu, cochichou para as outras e logo as quatro garotas dedicavam-se a estudá-lo com atenção. Então, a de rosto mais charmoso dentre elas acenou-lhe.

O sorriso do garoto se aprofundou nos lábios bem delineados. Sem perder tempo, seguiu em direção a elas. No meio do caminho, porém, as quatro garotas, de repente, transformaram-se em dois casais se beijando apaixonadamente, ora ou outra abrindo olhos zombeteiros para observá-lo.

Com os punhos cerrados de humilhação, ele deu as costas e arremeteu como uma flecha pelo corredor. Tomado pela fúria, sequer reparou quando esbarrou no homem e jogou-o ao chão.

O zeta responsável pela limpeza caiu sobre o próprio balde, com os alunos fugindo aos saltos e risinhos da água suja que se espalhava pelo meio do corredor. Toda a perna direita do velho faxineiro ficou ensopada, assim como um dos tênis do rapaz.

— Olha por onde anda, seu debiloide miserável! — gritou de mandíbulas apertadas.

— Me desculpe, senhor. Me desculpe. Me desculpe. — De joelhos na água suja, o miúdo velhinho zeta curvava a cabeça sem parar.

— Desculpas não vão secar meu tênis, debiloide. — Ele pousou a sola do tênis molhado no rosto do homem e empurrou-o na direção do chão.

Soltando um gemido desamparado, o zeta perdeu o equilíbrio e estatelou-se de flanco no piso; sua camisa absorvia grande parte da água escura que restava.

Algumas pessoas ao redor riram, enquanto outras emitiram notas de censura. O garoto ignorou ambos. Preparava-se para voltar a seguir pelo corredor, quando aconteceu. Como um líquido espesso e frio, a culpa o invadiu de todos os lados, inundando sua mente até submergi-lo em dor e arrependimento insuportáveis. Sua visão do corredor foi nublada pelas lágrimas que escorriam sem parar. Toda sua face se contraiu com aquele sofrimento. Incapaz de reagir, suas pernas perderam as forças e ele tombou de joelhos diante do zeta, implorando perdão.

— Ei, o que aconteceu com o Rorge? — disse um dos alunos, rindo.

Rodeado por uma curiosa plateia, o velhinho fitou aquela pilha de músculos e confiança que um dia fora Rorge se desfazer em uma geleia deplorável, suplicando perdão enquanto beijava seus pés.

Enquanto isso, na parte mais afastada do corredor, apoiado de costas num dos pilares de concreto, um jovem de cabelo cinza escuro contemplava a cena em silêncio. Seus olhos eram lagos frios de cores díspares. Os alunos cruzavam correndo por ele, desejosos de compartilhar o espetáculo que se desenrolava mais a frente. O garoto, no entanto, encaminhou-se para o lado oposto; a suave matiz de um sorriso moldando-lhe os lábios.

Amber puxou sua cadeira para trás e acomodou-se no lugar, o último da primeira fileira, no lado das janelas. Ele estava no terceiro andar, e ao olhar para fora, podia ver o mesmo céu plúmbeo que o acompanhara no caminho até a escola. No horizonte, divisavam-se luzes vermelhas piscando no alto da muralha metálica a qual cobria a cidade, parcialmente oculta pela silhueta de prédios que formava o cinturão da área central.

Grande parte dos seus colegas já havia chegado e jaziam sentados, preenchendo a sala com o rumor indistinto de suas conversas e pensamentos. Uma das poucas que ainda não se encontravam ali era Jill. Amber começou a ficar preocupado. Ela tinha pego um resfriado semana passada. Talvez estivesse de cama de novo? Estava prestes a ligar-lhe quando sentiu alguém pensar em seu nome no primeiro andar e compreendeu que era ela.

– Droga, estou atrasada. Será que o Amber já chegou? Aposto que sim. É um saco ele morar na direção oposta à da minha casa. Seria maravilhoso se fôssemos vizinhos... Ah, aquela garota está com o mesmo penteado e blusa que eu. Vou pelo outro corredor. Ninguém merece... Amber... Eu me sinto cada vez mais conectada a ele, isso é tão bom. Eu sequer preciso dizer, e ele já sabe como estou me sentindo, o que eu quero, do que preciso, como se fôssemos um só... Me pergunto se é isso o verdadeiro amor... E no entanto... E no entanto... Ops, quase passei da porta.

Jill entrou sorrindo, radiante, com o olhar apontado diretamente para onde sabia que Amber se sentava. Depois de avistá-lo, adentrou o corredor de classes e caminhou até ele; o corpo esguio de curvas suaves movendo-se com desenvoltura dentro de uma estilosa blusa carmim sem mangas.

Os dois se beijaram. Jill acionou o modo movimento de sua mesa e arrastou-a até acoplar-se com a de Amber. Ela então ajeitou sua cadeira ao lado e sentou abraçada nele. Nenhum dos outros alunos parecia notar suas presenças. Continuaram tagarelando, sem jamais virar o olhar em sua direção.

Minutos depois, o professor entrou e iniciou a aula. Em um determinado momento, pousou os olhos nos dois e franziu o cenho.

– Jill, o que está fazendo aí? Não dei permissão para se juntarem. Faça o favor de arrastar sua carteira de volta pro lugar.

– Ela vai ficar aqui, professor – disse Amber com um tom monótono. Jill estava com a cabeça deitada em seu ombro, sem expressão, observando o professor.

– Do que está falando, garoto? Não estou aqui para ser desrespeitado. Ou ela volta para o lugar ou dos dois serão deslogados da aula.

— Ela vai ficar aqui — repetiu Amber. — Agora, continue a aula.

Uma sombra perpassou o rosto do professor antes do mesmo suavizar-se e, como se nada tivesse acontecido, recomeçar a aula.

*

Durante o intervalo, os dois desceram para o primeiro andar. Amber caminhou pelos corredores puxando Jill pela mão.

— Onde estamos indo? — perguntou ela depois de um tempo. — Eu não tomei café da manhã, estou faminta. Podemos passar na cafeteria?

— Desculpa, só preciso fazer uma coisa. Pode ir se quiser, nos encontramos na sala.

— Tem certeza? Tudo bem.

Ela aproximou-se e depositou um delicado beijo em seus lábios, então virou-se e desapareceu entre os estudantes.

Amber parou diante da porta da sala dos professores. Poucos alunos passavam por ali, a maioria para entrar ou sair de alguma porta dos conselheiros. Calmamente, deu alguns passos até um dos bancos acolchoados alinhados contra a parede e sentou-se. Caso alguém perguntasse, estava aguardando um colega.

Então, sem querer perder tempo, começou a concentrar-se, abrindo uma a uma as barreiras mentais que impediam os pensamentos alheios de lhe sobrecarregarem. Aos poucos, o mundo circundante foi sendo iluminado por fios cintilantes que atravessavam paredes, teto e até mesmo o chão. De olhos fechados, pôde sentir os locais onde eles se reuniam e conectavam-se às mentes humanas, formando pequenas esferas que se moviam e pulsavam como estrelas.

Após identificar seu alvo, através do concreto e do metal, Amber lançou uma dúzia de linhas escarlates de sua própria consciência e interceptou uma das esferas psíquicas. Gradualmente, os sons longínquos de conversas e passos no corredor foram sendo engolidos pelo vazio. Logo, ele transitava incorpóreo pela via mental do diretor, ouvindo o que ele ouvia como se fosse um passageiro clandestino e invisível no interior de seu corpo.

— *...iram quantas novas inscrições recebemos nos últimos 5 meses?* — disse uma voz que Amber reconheceu como sendo a do diretor. — *Cento e setenta e duas! O dobro do que recebemos ano passado, nessa mesma época. Tudo por que aquele garoto, Donnie Trable, subiu para Gama. (risada) Será que os idiotas não entendem que pouco*

importa o que nós ensinamos, nada disso vai aumentar o QI deles? Bem, meu bônus anual está garantido.

– Falando nisso – agora era alguém mais jovem falando –, alguma mudança na Avaliação deste semestre? Ouvi dizer que todas as escolas de Gama agora estão realizando exames toxicológicos por causa do grande número de casos envolvendo aquela droga.

O diretor fez um ruído de desprezo com os lábios. Em alguma parte, alguém arrastou uma cadeira.

– Acha que eles disponibilizariam tantos recursos pra classes baixas como esses daqui? Felizmente ainda não tivemos nenhum caso na nossa escola, mas é só olhar para os números. Sai mais barato deixar que subam pra Gama e depois sejam pegos nos exames de sangue deles do que realizá-los em toda a Área. De qualquer for–

À sua vontade, as conexões subitamente foram desfeitas e Amber abriu os olhos, novamente sendo assaltado pelo rumor distante de conversas e por pensamentos indistintos. Na mesma hora, os finos canais flutuantes que populavam sua visão pulsaram do azul para uma cor sanguínea, paralisando-o. Foi então que ele o viu. No canto de sua visão, quase rente ao teto; um abominável olho cinza do tamanho de uma cabeça humana fitava-o das sombras. Rapidamente, Amber refez os bloqueios em seu cérebro e o mundo, outrora refulgente de canais azulados, aos poucos foi retornando à sua descarnada cor natural.

Satisfeito, ele pôs-se de pé e trotou de volta para a sala, leves dedos de tontura brincando com sua cabeça durante o caminho.

*

Eles foram juntos para a casa de Amber. No estreito pátio da frente, cruzaram com Mack, o cachorro, que latia furiosamente para algum misterioso animal entre os galhos altos da árvore. Amber abriu a porta e entraram.

Thomas Kreyzer parecia ter envelhecido uma década no decorrer dos últimos meses. Seus cabelos haviam sumido. As rugas, antes delicadas linhas, agora eram profundos desfiladeiros rachando sua face debaixo e acima dos olhos.

Assim que Amber e Jill adentraram o corredor, ele imediatamente saltou do sofá e abordou o filho. Havia uma intensidade febril em seus olhos claros enquanto falava:

– Filho, meu garoto, por favor, me escute. Eu sei que você já me disse pra jogar isso no lixo, mas eu não consigo. Há algo nessa coisa. – De repente, seu pai estendeu a mão aberta, mostrando a ele uma pequena peça oval de metal,

que Amber reconheceu como sendo o holoretrato descoberto por ele mesmo no sótão da casa, há vários meses. Com um toque nervoso, Thomas ativou a imagem, que elevou-se do objeto. Era a mesma face perturbadora a qual Amber se lembrava de ter visto pelo menos meia centena de vezes desde que o pai a encontrara. Um garoto de cabelos espessos e nariz adunco, com pálidos olhos verdes. — Não sabe quem é ele? — insistiu o pai, apertando seu ombro. — Tem certeza que não é um de seus amigos? Por que eu não consigo tirar o rosto dele da minha cabeça, Amber. É como uma coceira agonizante no fundo da minha mente que não consigo alcançar. Por favor, filho...

Sem entender nada, Jill olhou de pai para filho, suas pupilas refletindo o brilho do holograma entre eles.

Ao examinar a foto, Amber tornou a sentir aquela sensação desagradável que o rosto daquele garoto inevitavelmente lhe suscitava. Ele havia dito várias vezes ao pai para jogá-lo fora, mas, no meio da noite, o velho sempre acabava correndo até a lixeira e recuperando a coisa. Amber estava cansado daquilo. Aquele garoto desconhecido, de alguma forma, representava uma ameaça à própria estrutura de seu ser. Simplesmente vislumbrar seus traços numa imagem era o bastante para atormentá-lo durante dias a fio. Por todo aquele tempo, ele evitou recorrer àquilo, entretanto, agora parecia não haver outra maneira de se livrar da influência daquele objeto.

Enquanto falava as palavras, Amber dissolveu os escudos de sua mente, fazendo-as ecoarem infinitamente para dentro dos olhos do pai:

— Quero que jogue essa coisa fora e esqueça dela. Agora.

Por um momento, Thomas ficou confuso, e então, assentiu. Voltou-lhes as costas e foi para fora da casa, esbarrando no ombro de Jill no caminho.

— Ué, que estranho — disse ela. — Seu pai não estava aqui agora pouco?

— Ele saiu para tomar um ar. Vamos subir.

Amber, deitado na cama, fitava as linhas no teto do quarto. Podia sentir o peso da cabeça de Jill sobre o peito. A respiração dela era quente em sua pele. Os cabelos, de um amarelo-queimado vivo, faziam-lhe cócegas quando ela se movia.

Após um longo silêncio, em tom monocórdio e distante, ele perguntou:

— Você me ama, Jill?

— Mais do que tudo — respondeu ela de imediato, soando sonolenta.

— Entendo. E você tem algum sonho?

— Hmm... Ficar ao seu lado pra sempre.

Ele inspirou.

— Apenas isso?

— Sim, não há nada no mundo que eu queira mais.

— Mas e o seu sonho de subir até Alpha, receber um microchip da NASA e ir até a estrela Aldebaran?

— De jeito nenhum. Não quero ficar longe de você. Imagine só, dezenas de anos-luz entre a gente... Não... Nem pensar. — Ela pressionou o rosto com mais força contra ele.

— Mas, e se nesse caso, eu subisse com você?

De repente ela ergueu o rosto corado, totalmente desperta, e mirou-o nos olhos.

— Faria isso por mim? Mesmo?

— É claro.

Ela enterrou o rosto no pescoço dele, beijando-o diversas vezes.

— Ahhh, eu te amo!

Amber acomodou a cabeça no travesseiro, a expressão vazia, e voltou a encarar as linhas verticais do teto.

— Sim, eu também te amo.